



Cap. 3

A constituição do ser humano na relação com o ambiente

Virginia Chamusca e Kleber Duarte Barretto

In SOUZA, B.P. (Org.) **Orientação à Queixa Escolar**.
São Paulo: Portal de livros abertos da USP, 2020. 1^a. ed. 2007.
p.p. 79-93
E-book.



Essa obra é de acesso aberto.
É permitida sua reprodução total ou parcial,
desde que citada a fonte e a autoria e sem fins lucrativos,
respeitando a licença Creative Commons indicada.

A constituição do ser humano na relação com o ambiente

*Virgínia Chamusca¹
Kleber Duarte Barretto²*

*“Mestre não é quem sempre ensina,
mas quem de repente aprende”*

(João Guimarães Rosa, “Grande Sertão: veredas”)

A questão da constituição do ser humano a partir da sua relação com o ambiente é um tema recorrente junto ao meio acadêmico e em particular à Filosofia e à Psicologia, além de uma referência em todas as instâncias pertencentes ao campo educacional. Provavelmente isso se deve à consciência decorrente da situação em que todos estamos submersos. O mundo está mergulhado em uma profunda crise ética. É difícil — e alguns creem impossível — a criação de novos sentidos para a vida, o que nos demanda a necessidade de voltarmos nosso olhar para as necessidades fundamentais do ser humano e para os fundamentos do *éthos* humano, a fim de fazermos frente às questões que se colocam para nós em nosso tempo.

¹ Virgínia Chamusca, mestre em Educação, psicóloga, sociopsicomotricista Romain-Thiers, educadora física especializada em atraso profundo do desenvolvimento.

² Kleber Duarte Barretto, psicólogo, doutor em Psicologia Clínica, supervisor e pesquisador da UNIP.

Só para citar alguns exemplos de situações decorrentes de nossas *fraturas éticas* em seu âmbito geral,

- éramos em setembro de 2005, 6,2 bilhões de habitantes no planeta, dos quais 2/3 viviam abaixo da linha de pobreza;
- nunca os governantes do mundo inteiro, que se autodenominam nossos representantes diretos, utilizaram tantos discursos que preconizam formas civilizadas para se resolver conflitos, mediante ações absolutamente bárbaras — e em nome da paz;
- nunca se combateu tanto o terrorismo com um terror pior que o próprio terror.

Nossas reflexões e interlocuções têm o intuito de desenvolver uma fundamentação teórica a respeito desse tema e versarão principalmente sobre as concepções desenvolvidas pelo pediatra e psicanalista Donald Winnicott, acrescidas das contribuições de Gilberto Safra.

Para Winnicott, o ser humano é dotado de um grande potencial capaz de conduzi-lo a uma condição de vida saudável e criativa. Essa condição, entretanto, existe mediante uma premissa básica e, segundo ele, imprescindível: a constituição do *self*³ e, conseqüentemente, o vir-a-ser, só acontece mediante uma presença humana devotada.

Ao desenvolver as suas concepções a respeito dos processos de constituição do *self*, Winnicott parte de uma ideia que postula a necessidade de integração a partir de um estado de não

³ Segundo Barretto (2005): “O *self* pode ser compreendido como o resultado das potencialidades inatas da criança e o *holding* proporcionado pela mãe nos primeiros meses de vida. Constitui-se uma totalidade baseada nas operações do processo maturacional. Trata-se de uma constelação psicológica organizada dinamicamente, dando ao indivíduo senso de continuidade e sentido de vida. É a personalidade organizada como um todo” (p. 38). Para aprofundar o tema, conferir Safra (2005).

integração do bebê, presente desde o início do seu nascimento, o que demanda um estado de dependência absoluta.

Neste período inicial, o estado de não integração é acompanhado de uma ausência do sentimento de totalidade de si mesmo, o que acarreta o comprometimento da noção espacial e temporal.

A ideia utilizada por Winnicott sobre integração, no entanto, não deve ser entendida jamais como um fenômeno cujo surgimento visará, ou determinará, a supressão dos estados de não integração. Esses últimos reaparecerão nos estados de relaxamento dos quais a pessoa poderá usufruir em outros momentos de sua vida.

O ser integrado winnicottiano é um ser processual que está sempre sujeito às diversas possibilidades de mudanças, oriundas, inclusive, do potencial contido em sua força criativa e transformadora. Ser integrado é ser em integração.

Sendo o desenvolvimento humano um processo contínuo, é importante para a base de uma vida saudável que, desde o início, o bebê seja reconhecido como um ser humano, como uma pessoa. A primeira infância é um período fundamental no processo maturacional de um indivíduo e Winnicott é bastante atento às características ambientais e possíveis falhas que podem ocorrer nestes estágios iniciais do desenvolvimento.

A parte mais precária do complexo que é denominado um bebê é a sua experiência cumulativa de vida. Faz realmente diferença se nasci de uma beduína num local onde a areia é quente, de uma prisioneira política na Sibéria, ou da esposa de um comerciante na úmida, mas bela região ocidental da Inglaterra. Posso ser convencionalmente suburbano ou ilegítimo; ser um filho único, o filho mais velho, o do meio entre cinco filhos; ou o terceiro de quatro meninos nascidos de enfiada. Tudo isto importa e faz parte de mim. (Winnicott, 1972, p. 37)

Safra (2004, 2005 e 2006) apresenta reflexões significativas em relação à constituição do ser humano e o lugar do ambiente neste processo. A diferença em relação a Winnicott está na compreensão de que nem todo adoecimento pode ser referido a uma falha ambiental ocorrida na primeira infância, mas a uma falha atual que pode provocar uma fratura ética e lançar o indivíduo em um estado de adoecimento. Estes pontos são fundamentais não só para nossas intervenções clínicas, mas também para nossas intervenções no ambiente escolar na medida em que se pode, e se deve, intervir no meio ambiente a fim de oferecer condições mais favoráveis ao processo de aprendizagem.

Ao desenvolver a sua obra, Winnicott explorou e enriqueceu o conceito de criatividade e, para ele, a capacidade de ser criativo surge a partir dos estados de não integração. É preciso reconhecer que o ser humano, desde sempre, é necessidade ética.

Educação e psicanálise: diálogos

É do nosso conhecimento a significativa importância do referencial psicanalítico na esfera da Educação, principalmente a partir da temática do Inconsciente na relação professor-aluno. Há décadas os conceitos por Freud desenvolvidos no intuito de explicar os fenômenos referentes à constituição do psiquismo vêm sendo transpostos para esta área, abrindo-se a partir deles um caminho auxiliar na realização dos seus *objetivos primordiais* ao longo do processo de aprendizagem.

Um outro conceito muito utilizado como auxiliar na busca incessante de uma resolução para aquilo que vimos designado como um “cotidiano escolar adoecido e adoecedor”, é o de pulsão, que se encontra vinculado, igualmente, ao de Inconsciente, assim como as ideias de transferência, sublimação, mecanismo de defesa, complexo de Édipo, castração e assim por diante.

Essa perspectiva de compreensão, extraída do pensamento racionalista, acaba por reduzir todo o acontecer humano a

um produto originário único e exclusivo da subjetividade ou do mundo interno, como se o indivíduo (pessoa), não trouxesse consigo, arraigado, os reflexos do seu meio, da sua história e do próprio momento existencial que vive. O fato é que inúmeros problemas na sala de aula se devem não apenas a problemas pulsionais, mas à necessidade fundamental de que a criança possa ser situada em suas necessidades éticas fundamentais, tais como a necessidade de hospitalidade, de reconhecimento de sua singularidade, de poder ter ação criativa entre outros humanos e a necessidade de pertencer, entre outras.

Apesar de Winnicott reconhecer a importância dos aspectos relacionados ao mundo interno, amplia a sua concepção de homem mediante a compreensão dos fenômenos relativos à *realidade compartilhada*. Nesta dimensão, os efeitos do meio ambiente têm um aspecto fundamental na constituição do *self*, que privilegia a questão do devir em sua dimensão existencial e que, de acordo com ele, é anterior ao desejo. Por isso é que ele nos diz:

[...] O que é a vida? Não preciso saber a resposta, mas podemos chegar a um acordo: ela está mais próxima do SER do que do sexo. [...]. Ser e se sentir real dizem respeito à saúde, e só se garantirmos o ser é que poderemos partir para coisas mais objetivas. (Winnicott, 1986, p. 27)

Não é sem razão que, ao nos atermos aos conteúdos provenientes das queixas escolares extraídas dos encontros junto às instituições, aos pais de crianças ou jovens que nos procuram e a esses últimos, observamos um fato curioso e que vale à pena ressaltar: o forte apelo a uma “necessidade de ser”. Dos alunos, dos professores, dos pais, nosso.

Chamusca (2000), em sua dissertação de mestrado intitulada *Em busca do tempo que não se perdeu — memórias de pessoas a respeito de seus professores* — procurou demonstrar e refletir sobre a importância do *fenômeno da devoção* na relação

professor-aluno. O percurso teórico utilizado, entretanto, não teve como embasamento a perspectiva do “desejo de saber”, mas sim o da “necessidade de ser”.

Colheu depoimentos emocionados de pessoas — inclusive os dela própria — pertencentes a diversas classes sociais, a diferentes etnias e a idades variadas, que tiveram com seus professores relacionamentos significativos capazes de mudar o rumo de suas vidas.

Todos, sem exceção, ao mencionarem os motivos pelos quais seus professores tornaram-se pessoas tão especiais, referiram-se a um tipo de relacionamento que não decorreu de um método específico de ensino ou técnica especial, mas de uma qualidade de relação da parte destes que reconheciam mediante seus gestos esta “necessidade de ser” de seus alunos.

Necessidade de ser

Fizemos referência, a alguns parágrafos atrás, àquilo que denominamos *objetivos primordiais da educação*. Podemos notar que estes contêm, além de manifestarem em seu discurso, as ideias que envolvem e justificam os parâmetros dessa mesma “necessidade de ser”.

Esta denominação é fruto de uma pesquisa realizada junto a algumas instituições escolares — particulares e públicas — com o intuito de fazer um levantamento do seu conteúdo. Ao desenvolvê-la observamos que a maioria delas apresenta uma filosofia praticamente idêntica, cujas propostas encontram-se profundamente articuladas a valores humanísticos.

Estes valores refletem o desejo de construção de uma sociedade justa compreendida por indivíduos que poderão adquirir — e deverão para isso se empenhar — e participar da criação dessa sociedade em iguais condições, onde a perspectiva do potencial é postulada como um fato consumado e, portanto, inquestionável. Tal formação deverá acontecer por meio de uma profunda e

consciente necessidade do respeito às possibilidades e limitações dos alunos, tendo como base o ideal de “antes de tudo formar pessoas, um ser humano digno e comprometido com o bem comum”.

Para Winnicott, era impossível falar de um bebê em desenvolvimento da sua organização psíquica, de experiências que o remetessem à configuração do sentimento de existência, ou, em outras palavras, de sua constituição, sem falar de sua mãe ou de alguém que estivesse envolvido com ele de maneira devotada.

Safra (2005), ao se utilizar do conceito de devoção, presta um testemunho que é dado como essencial, quando diz: “ao se falar em devoção, está se falando de uma relação pessoal, onde se está em função de um ser; onde se está em função de uma pessoa”. No dizer de Winnicott (1971, p. 150): este alguém é capaz de “[...] adquirir um sentimento que faz com que ele possa colocar-se em seu lugar”.

O percurso empreendido na construção dessa organização acima mencionada ocorre mediante três experiências básicas: o da Experiência Subjetiva, a dos Fenômenos Transicionais e o da Realidade Compartilhada.

No estágio do desenvolvimento psíquico denominado Experiência Subjetiva, a criança, com a ajuda da mãe, adquire a capacidade imaginativa de criar o objeto do qual necessita (objeto subjetivo). No intuito de que a emergência desta capacidade imaginativa ocorra satisfatoriamente, a mãe real se faz presente, propiciando ao bebê a experiência do fenômeno da ilusão, tornando-se, ela própria, o seu objeto subjetivo, responsável pelo sentimento de que o mundo é fruto da criação do bebê. Questão que, do ponto de vista ético, refere-se à necessidade que todo ser humano tem de ser recebido (hospitalidade) e de ter reconhecida a sua singularidade.

Outra área de experiência muito importante e que, de acordo com Winnicott, encontra-se negligenciada por aqueles que praticam a psicanálise, ou se utilizam do seu referencial teórico no intuito de compreender o comportamento humano, é a dos

Fenômenos Transicionais. De acordo com Safra (2005), caracteriza-se pelo movimento segundo o qual a criança utiliza recortes da realidade, transformando-os em algo que lhe é próprio. Representa a primeira relação do bebê com um objeto *não eu* (primeira possessão) e sua importância reside no próprio simbolismo que é empregado. Para Winnicott “está claramente distinguindo entre fantasia e fato, entre objetos internos e externos, entre criatividade primária e percepção” (1975, p. 19). Do ponto de vista ético, coloca-se neste campo a necessidade de a criança poder ter gesto criativo de modo que a realidade possa ser transformada por ela. Perspectiva que assinala a importância de que a criança possa participar da constituição do espaço escolar.

O uso do objeto pelo bebê é fundante do princípio de realidade e imprime o lugar da experiência cultural, lugar do ser no mundo e, portanto, a confirmação da existência de uma realidade compartilhada. Aqui as necessidades éticas se colocam por meio da interlocução pela qual a criança possa compartilhar com outros as suas questões frente ao mundo humano. Sobre ela, fala-nos Safra:

Criar é existir, não só como ser biológico, mas como ser acontecendo em gesto e símbolos que articulem, de forma singular, as questões existenciais daquele sujeito. Mãe e pai fornecem à criança, com suas presenças vivas, um campo simbólico, um repertório simbólico e, ao mesmo tempo, possibilitam e permitem que a criança imprima a sua singularidade nesse campo. Abre-se a partir daí a possibilidade de intercâmbio contínuo entre o sujeito e o outro, entre a vida subjetiva e a realidade compartilhada, entre o indivíduo e a cultura. (2005)

A sociedade antiga sempre tratou muito mal a criança e o adolescente, como comprova o historiador francês Philippe Ariès em suas pesquisas (1973). Não obstante, uma das grandes

conquistas e transformações da sociedade foi o surgimento da existência daquilo que denominou *sentimento da infância* proveniente do antigo regime (entre os séculos XVI e XX) e que foi responsável pelo surgimento do sentimento do amor conjugal, do valor da família e do senso de dignidade humana.

O estabelecimento de uma relação devotada requer, ainda, a existência de um tipo de olhar em relação ao outro que faz com que ele possa ser visto em toda a sua plenitude e tratado como um ser humano, condição que pressupõe a sua não categorização, a inviolabilidade da sua dignidade, o respeito e o reconhecimento em relação aos seus mínimos sentimentos, gestos e feitos.

Nossa sociedade contemporânea, entretanto, não soube enveredar por esse caminho ou enriquecê-lo, posto que nossas crianças, apesar dos mais de dez anos da existência do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), em muitas situações continuam abandonadas à própria sorte.

Se não podemos imaginar um bebê sem a sua mãe, do mesmo modo, é difícil imaginarmos um aluno, independente da sua idade, comprometido com a aprendizagem, a vida, o mundo e as suas pessoas, sem um professor devotado:

- Um professor devotado é aquele que por acreditar no ser humano e em seu potencial, jamais abdica das suas certezas, inclusive a de que não está só; mesmo quando a solidão e o vazio tornam a existência difícil.
- Um professor devotado tem como característica a capacidade de reconhecer o seu aluno, e, desse modo, relacionar-se com ele enquanto um ser singular.
- Um professor devotado sabe que um bom rendimento escolar está longe de definir ou garantir o reconhecimento de alguém como pessoa.
- Um professor devotado é aquele que consegue transmitir conhecimentos não somente porque está capacitado a desenvolver tecnicamente esta tarefa, mas porque sabe

fortalecer e, algumas vezes, até mesmo criar bases para que o aluno venha a estabelecer significativas relações com a aprendizagem e a vida. Para, desse modo, apropriar-se de suas experiências de vida.

- Gestos devotados de alguns professores exemplares: a garra, lindos cartazes, as aulas bem preparadas, o orgulho que sentem de seus alunos, a bronca exemplar, a seriedade com que cumprem a tarefa de ensinar.
- Um professor devotado estimula a prática da cidadania, da ética, mediante o seu próprio ser e gesto de cidadão.
- Um professor devotado não somente reconhece, mas reverencia a vida e a cultura de seu aluno, sabendo que ele necessita fazer parte do mundo sem perder suas raízes.
- Um professor devotado tem a convicção de que jamais o lugar da aprendizagem poderá ser ocupado e utilizado em toda a sua plenitude; em tempo algum um aluno poderá adequar a sua linguagem a diferentes contextos, enquanto a escola rejeitar toda a dimensão poética contida na linguagem que revela e ao mesmo tempo constitui o *self* de cada indivíduo.

Sem dúvida alguma, a devoção do professor é fundamental no processo de aprendizagem, mas seria um equívoco responsabilizá-lo por todo êxito ou fracasso dos seus alunos. O mesmo engano se passa em relação à noção de *mãe suficientemente boa* de Winnicott, que de maneira nenhuma diz respeito a uma mãe perfeita e infalível. O erro e a falha fazem parte do processo. Existem alguns outros aspectos ambientais que afetam de maneira positiva ou negativa este caminho a ser percorrido.

A necessidade estética

O ser humano precisa poder encontrar o outro devotado em um meio no qual estejam contempladas as proporções de sua

corporeidade e de seu modo de ser, que se apresentam em formas rítmicas. Isto implica em focar a importância da estética do meio ambiente no qual a aprendizagem ocorre. O espaço onde se dá a aprendizagem também configura um ambiente importante e de maneira alguma deve ser ignorado. Winnicott faz uma relativização importante de seu trabalho psicanalítico dentro de uma instituição:

Bem depressa eu aprendi que a terapia estava sendo feita na instituição, pelas paredes e pelo telhado; pela estufa de vidro que fornecia um alvo magnífico para pedras e tijolos, pelas banheiras absurdamente grandes, para as quais era necessária uma quantidade enorme de carvão, tão precioso em tempo de guerra, se se quisesse que a água quente chegasse ao umbigo de quem quisesse tomar banho.

A terapia estava sendo realizada pelo cozinheiro, pela regularidade da chegada das refeições à mesa, pelas colchas das camas quentes e coloridas, pelos esforços de David para manter a ordem apesar da escassez de pessoal e um constante senso de inutilidade em tudo isso, porque a palavra sucesso era reservada para algum outro lugar e não para a tarefa exigida da *Bicester Poor Law Institution*. É claro, os meninos fugiam, roubavam das casas da vizinhança e não paravam de quebrar vidros, até que a comissão realmente começou a ficar preocupada. O som de vidros quebrados assumiu proporções epidêmicas. Felizmente, a mata de ruibarbo estava distante, na direção oeste, e lá os membros exaustos da equipe podiam ir desfrutar de um pouco de tranquilidade e contemplar o pôr do sol. (Winnicott, 1995, p. 226-227)

Pensamos que não seria exagerado considerarmos que o processo de aprendizagem e de formação de um aluno também se apoia nos mais diversos e diferentes aspectos do universo escolar: desde as faxineiras à diretora, no lugar da educação na cultura

familiar e na comunidade e sociedade onde está inserido. Aqui cabe assinalar o papel que desempenha a estrutura física da instituição e isso deve ser levado em consideração.

Pode ser que algumas pessoas amem esse prédio e eu odiaria ferir seus sentimentos, mas quando se trata de crianças é diferente. Vocês sabiam que antigamente Dra. Susan Isaacs tinha uma escola para crianças aqui? Eu não sei o que as crianças sentiam sobre essas proporções, mas não acho que se possa pedir a crianças pequenas que venham a este edifício imenso. Pela temperatura, ar etc. você está cuidando de crianças e criando condições para que se identifiquem como seres humanos. Eu penso que muitos edifícios grandes não têm proporções para pessoas; os prédios tendem a ser um lugar onde há pedaços inumeráveis e você é um desses pedaços. (Winnicott, 1996, p. 27)

A preocupação em relação ao espaço escolar não se deve restringir ao período de infância, mas sem dúvida nesta fase da vida há que se ter um cuidado redobrado.

A Necessidade de contato com a natureza

O ser humano é ser imerso no mundo natural, algo que palpita em sua corporeidade. Sem dúvida alguma um ambiente familiar e/ou escolar onde o livro e a leitura são valorizados e fazem parte do cotidiano em muito facilita o desenvolvimento do aluno. Entretanto, tendemos a negligenciar ou subestimar a importância da natureza no processo de aprendizagem, mesmo acadêmica. A tendência de uma concentração urbana e crescente informatização tem levado as pessoas a um afastamento da natureza. O escritor Antonio Callado nos chama atenção para esta dimensão:

Morávamos em Niterói, meu pai era médico do outro lado da baía. E era uma casa grande. Meu pai era médico, mas era poeta nas horas vagas, gostava de literatura, tinha livros... Então, desde muito pequeno tive esta sorte de um ambiente que favorecia a leitura. E ao mesmo tempo, as árvores, a natureza perto, que eu acho também muito importante.

[...] você sabe que quando eu vou às universidades, convidado para uma palestra, a primeira coisa que eu olho são os jardins. Uma ocasião eu estava dizendo, na UNICAMP, tão bonitinho, realmente me deu a impressão de uma grande atualização, com gente muito inteligente, muito interessada e tudo funcionando bem, mas eu olhei pela janela e disse: “Vocês deviam, antes de contratar qualquer novo professor, contratar um jardineiro”. Uma coisa que eu achei que faltava... Eu sinto falta e acho que essa colaboração da natureza é fundamental. Não é mania ecológica moderna — isso é até bom, um aspecto bom, porque chama a atenção — mas não é isso não, é o que sempre houve, a relação do homem com a natureza. E agora, então, que está diminuindo o espaço, é muito importante que em torno você possa ter isso. (Callado, 2002. p. 32-33)

A vitalidade do pensamento e a riqueza do processo de aprendizagem também dependem não só de um enraizamento na cultura, mas, também, de um enraizamento na natureza. Temos privilegiado as construções, concreto armado e alvenarias, enquanto a terra, a grama, as árvores, flores e frutos parecem fazer parte apenas da vida rural... O contato com a natureza permite que a criança possa reencontrar os ritmos que a constituem, permitindo que os estados de não integração, necessários para que o relaxamento e a criatividade possam acontecer em seu dia a dia.

Reflexões finais

Dostoiévski, em texto publicado no *Diário de um Escritor*, assinalava que um professor só poderia auxiliar a formação dos jovens se tivesse em suas artérias a seiva da sabedoria dos ancestrais. Em seu pensamento arguto, percebia que a educação que estivesse simplesmente fundamentada em perspectivas racionais ou instrumentais-produtivas levaria a criança a um distanciamento das raízes do humano. Em perspectiva semelhante, Winnicott preocupava-se com que o cuidado do bebê, excessivamente interferido pela técnica médica, poderia, igualmente, levá-lo à perda da experiência de ser. Ambos os autores apontaram, cada um a seu tempo, para as decorrências do projeto da modernidade no modo de ser humano. Assim poderíamos, talvez, assinalar que apontavam para a necessidade de que se recuperasse a sabedoria do povo, a sabedoria das mães.

Em nosso tempo, somos chamados a recuperar a memória do humano, para que nossas crianças possam ter o acolhimento necessário, no qual as suas necessidades éticas fundamentais possam ser contempladas. A escola é um espaço privilegiado no qual essa possibilidade poderia vir a ocorrer. No entanto, essa possibilidade demanda que a mesma possa abordar os assim chamados problemas de aprendizagem para além de uma perspectiva produtiva ou funcional. O olhar nesse trabalho é recolher o que existe de demanda ética nas dificuldades apresentadas pela criança no ambiente escolar.

Com este trabalho procuramos apresentar, brevemente, algumas das necessidades éticas fundamentais da criança, que possam contribuir para certo tipo de leitura da condição escolar: como ambiente privilegiado no qual a criança deposita sua esperança de poder ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1978.
- BARRETTO, K. D. *Ética e técnica no acompanhamento terapêutico: andanças com Dom Quixote e Sancho Pança*. 3ª edição. São Paulo: Sobornost-UNIMARCO, 2005.
- CALLADO, A. A literatura como um sistema. In: MARETTI, E. (org.) *Escritores*. São Paulo: Limiar, 2002.
- CHAMUSCA, V. M. S. *Em busca do tempo que não se perdeu — memórias de pessoas a respeito de seus professores*. 2000. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- SAFRA, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida: Ideias&Letras, 2004.
- _____. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Ideias&Letras-UNIMARCO, 2005.
- _____. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Sobornost, 2006.
- WINNICOTT, D. W. As comunicações entre o bebê e a mãe e a mãe e o bebê, comparadas e contrastadas. In: JOFFE, W. G. (org.) *O que é Psicanálise?* Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- _____. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *Thinking about children*. Londres: Karnac Books, 1996.

